

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias  
Contemporâneas - CEEAV

Daniela Graciere Feitoza Diniz

**O AUTORRETRATO E A NARRATIVA DE SI:**  
**Uma possibilidade no ensino de arte nos últimos anos do ensino fundamental**

Contagem  
2020

Daniela Graciere Feitoza Diniz

**O AUTORRETRATO E A NARRATIVA DE SI:**

**Uma possibilidade no ensino de arte nos últimos anos do ensino fundamental**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Andrea de Paula Xavier Vilela

Contagem

2020

Ficha catalográfica  
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707  
D585a  
2020

Diniz, Daniela Graciere Feitoza, 1983-  
O autorretrato e a narrativa de si [recurso eletrônico] : uma  
possibilidade no ensino de arte nos últimos anos do ensino fundamental  
/ Daniela Graciere Feitoza Diniz. – 2020.  
1 recurso online (38 p. : il.).

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-  
graduação em Artes - PPG Artes, do Curso de Especialização em  
Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da  
Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de  
Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Andrea de Paula Xavier Vilela.

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Auto-retratos. 3. Identidade (Psicologia)  
na arte. I. Vilela, Andréa de Paula Xavier. II. Universidade Federal de  
Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.



Nome: **DANIELA GRACIERE FEITOZA DINIZ**

**O AUTORETRATO E A NARRATIVA DE SI: UMA POSSIBILIDADE NO ENSINO DE ARTE NOS ÚLTIMOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA**.

Professora Andrea de Paula Xavier Vilela – CEEAV/ EBA/ UFMG (Orientadora)

Professora Patrícia de Paula Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG (Membro da Banca Examinadora)

Profa. Mônica Medeiros Ribeiro  
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Dedico com toda humildade àqueles que se interessam pelo assunto, aos meus alunos e às pessoas que colaboraram com meu processo de escrita, em especial ao meu companheiro Allisson de Oliveira Rodrigues.

## Resumo

O objetivo do presente trabalho de investigação é identificar as potencialidades do autorretrato e a narrativa de si na relação ensino/aprendizagem de Artes. Para alcançar este objetivo macro, identifica-se como pode se dar o confronto do estudante com sua autoimagem, verifica-se como se apresentam os modos de apreensão da expressão estética de si no autorretrato, utilizando da argumentação e métodos da pesquisa bibliográfica. Esta última, segundo Lakatos e Marconi (2005), possibilita verificar caminhos para uma conjugação e confrontação em um único estudo, de muitas e diferentes verdades estabelecidas em pesquisas anteriores, o que operacionalizou a explanação sobre o autorretrato ao longo da história da arte, desde as primeiras pinturas às *selfies* realizadas por aparelho móvel, a apresentação das características e contexto dos adolescentes sujeitos da pesquisa, a relação das características ressaltadas sobre a produção do autorretrato e a narrativa por faixa etária dos alunos. Por fim, fez-se a identificação da potencialidade do autorretrato e a narrativa de si na relação ensino aprendizagem em arte, analisando os dados obtidos sob a ótica do confronto pessoal com a sua autoimagem, sua construção e possíveis contribuições para a aprendizagem estética do aluno. Conclui-se que, o adolescente enquanto sujeito integral (bio – psico – sócio – cultural) pode se beneficiar desta abordagem para seu desenvolvimento autônomo e para o reconhecimento artístico de seus próprios trabalhos, possibilitando a observação, a criticidade e a sua exposição estética de maneira contextualizada no mundo.

**Palavras-chave:** Autorretrato. Narrativa de si. Adolescente. Identidade. Autonomia.

## **Abstract**

*The objective of the present research work is to identify some potentialities of self-portrait and self-narrative in the teaching / learning relationship of Arts. To achieve this macro objective, it is identified how the student's confrontation with his self-image can take place, it is verified how the ways of apprehending the aesthetic expression of self in the self-portrait are presented, using the arguments and methods of bibliographic research. The latter, according to Lakatos and Marconi (2005), makes it possible to verify paths for a combination and confrontation in a single study, of many and different truths established in previous research, which operationalized the explanation about self-portrait throughout the history of art, since the first selfies paintings made by a mobile device, the presentation of the characteristics and context of the adolescents subject of the research, the relationship of the characteristics highlighted on the production of the self-portrait and the narrative by the students' age group. Finally, the potential of self-portrait and self-narrative was identified in the relationship between teaching and learning in art, analyzing the data obtained from the perspective of personal confrontation with their self-image, their construction and possible contributions to the student's aesthetic learning. . It is concluded that, the adolescent as an integral subject (bio - psycho - socio - cultural) can benefit from this approach for his autonomous development and for the artistic recognition of his own works, allowing the observation, the criticality and his aesthetic exposure of contextualized in the world.*

**Keywords:** *Self-portrait. Self-narrative. Adolescent. Identity. Autonomy.*

## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 - DINIZ, Daniela. Autorretrato. Monotipia. Tinta tipográfica em papel canson. 15cm x 20cm. Arquivo pessoal ..... 10
- FIGURA 2 - DÜRER. Autorretrato com peliça. 1500. Óleo sobre madeira, 67 cm x 49 cm. Pinacoteca de Munique .....14
- FIGURA 3 - REMBRANDT. Autorretrato jovem. 1629. Óleo sobre madeira, 15,6 cm x 12,7 cm. Pinacoteca de Monique ..... 16
- FIGURA 4 - REMBRANDT. Autorretrato. Antes de 171 Óleo sobre madeira, 83 cm x 67 cm. Pinacoteca de Monique ..... 16
- FIGURA 5 - GOGH. V. V. Autorretrato em um chapéu de feltro cinza.1887. Óleo no cartão, 41 cm x 32 cm. Museu Stedelijk ..... 17
- FIGURA 6 - GOGH. V. V. Autorretrato com chapéu de palha. 1887. Óleo sobre tela no painel, 41 cm x 32 cm. Instituto de Artes de Detroit..... 17
- FIGURA 7 - GOGH. V. V. Autorretrato com orelha enfaixada. 1889. Óleo sobre tela, 60 cm x 49 cm. Instituto Courtauld ..... 17
- FIGURA 8 - KAHLO. F. Autorretrato com vestido de veludo.1926. Óleo sobre tela. 79,7 cm x 58 cm. Coleção Enrique García Formentí..... 17
- FIGURA 9 - KAHLO. F. Autorretrato na fronteira entre México e Estados Unidos. 1932. Óleo sobre metal 31.7 cm x 35 cm. Fundación Fana Holtz...17
- FIGURA 10 - KAHLO. F. Autorretrato con el retrato del Dr. Farill\_ 1951\_Colección Particular\_ Óleo sobre masonita. 41,8 x 50.2 cm. Coleção privada..... 17
- FIGURA 11 - PICASSO, P. Autorretrato no período azul. 1901. Óleo sobre tela, Museu Picasso .....18
- FIGURA 12 - PICASSO, P. Autorretrato. 1907. Óleo sobre tela. 50 cm x 46 cm. Galeria Nacional de Praga .....18
- FIGURA 13 - Pablo Picasso. Autorretrato. 1938. Carvão e lápis sobre tela. 65,7 cm x 50,5 cm. Fuji Television Co .....18
- FIGURA 14 - Cindy Sherman Fashion, Untitled #132 – 1984 ..... 20
- FIGURA 15 - Cindy Sherman History Portraits – Untitled #209 – 1989 ..... 20



FIGURA 16 - WEISSMANN, L. Autorretrato 11 de dezembro. 2002. Óleo sobre tela, 20 cm x 20 cm .....	22
FIGURA 17 - WEISSMANN, L. Espelho, espelho meu. 2010. Acrílica e vinílica sobre tela. 40 cm x30 cm.....	22
FIGURA18 - WEISSMANN, L. Autorretrato com Isadora e Índia Tupi. 2014. Acrílica e vinílica sobre tela. 220 cm x170 cm .....	22
FIGURA 19 - Narciso, charge de Nanahumor .....	31

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. BREVE PANORAMA SOBRE O AUTORRETRATO.....</b>	<b>13</b>
<b>3. ADOLESCÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE SUA NARRATIVA.....</b>	<b>23</b>
<b>4. ADOLESCENTE, AUTORRETRATO E NARRATIVA.....</b>	<b>29</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a relação ensino/aprendizagem em artes visuais e o objeto é o autorretrato e a narrativa de si. Neste sentido, o objetivo principal é identificar algumas potencialidades do autorretrato e a narrativa de si na relação ensino/aprendizagem de Artes. Os objetivos específicos são: identificar como pode se dar o confronto do estudante com sua autoimagem e; verificar como pode se dar a expressão estética de si no autorretrato. Para isso, utiliza-se de argumentação e pesquisa bibliográfica.

A proposta se inicia da motivação dada pela disciplina *Experienciando arte*, do curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias contemporâneas, na qual se elaborou uma tarefa em que se narrava sobre algumas atividades autorais que foram produzidas ao longo do curso. Uma dessas atividades foi o autorretrato (Figura1) que remetendo à prática escolar de docente, quando esse ainda era o assunto, com alunos dos anos finais do ensino fundamental.

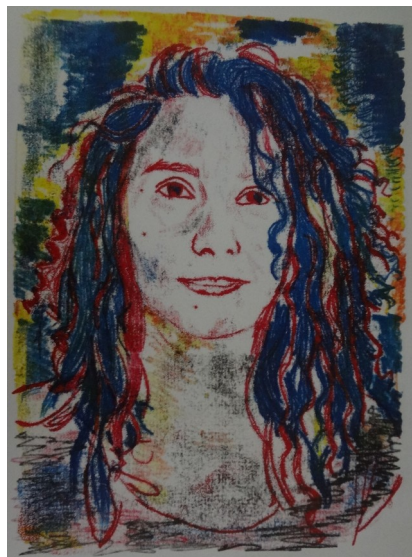


Figura 1: Autorretrato, de Daniela Diniz, 2018. Monotipia. Tinta tipográfica em papel canson. 15cm x20cm. Arquivo pessoal.

Na busca por uma discursividade para este trabalho da figura 1 e pela observação do *modus operandi* dele, chegou-se às seguintes considerações: há a necessidade, do indivíduo, mesmo que não intencional, da revisitação do passado e do questionamento do futuro pela observação do presente, onde cores e formas desconstruídas relatam sensações e lembranças no presente que se materializa no indivíduo hoje.

Assim, se pode fortalecer na necessidade de pesquisar o objeto autorretrato e a narrativa na relação ensino/aprendizagem dos adolescentes em seus anos finais do ensino fundamental, pois pelas observações realizadas durante os seis anos de trabalho com essa faixa etária, é notória a dificuldade dos alunos lidarem de maneira reflexiva com suas autoimagens e com a exposição delas.

Nas experiências com esses alunos pôde-se perceber, observando por meio de relatos, desenhos e outras atividades, que seus corpos em plena mudança e as cobranças sociais se mostram cada vez mais presentes. Devido à ditadura do que deve se vestir, do que deve-se comer, do que se deve ser para serem aceitos, por vezes eram sufocantes. Percebe-se que a exposição de suas imagens e de si pode chegar a ser constrangedora e ao serem incentivados às atividades que inserem o próprio “eu” como foco de ação, apresentam insegurança na forma como se envolvem, buscando expor-se o mínimo possível e, às vezes, demonstrando apatia na produção artística e no processo de aprendizagem.

Diante do exposto, confronta-se com um desafio diário: fazer com que o aluno saia de sua apatia e se envolva com as atividades propostas pelo professor, a medida em que se observa que os padrões artísticos normalmente aceitos e reproduzidos pelos alunos são rasos, estabelecendo que na maior parte dos casos, são desenhos prontos para pintar, contornos, dobraduras, recortes e etc., onde o fazer é o ponto central e o processo crítico/sensível aparentemente é inexistente. Em sua grande maioria, não se colocam como sujeitos históricos e de potencial artístico, o que problematiza o reflexo do/no ensino das artes visuais.

O autorretrato é forma de expressão utilizada por diversos artistas, - pode-se citar alguns que se destacaram, como Frida Kahlo, Vicent Van Gogh e Pablo Picasso – que trazem aspectos singulares, desde a maneira de traçar a linha até a personalidade deles próprios. Com isso, o autorretrato se mostra um elemento de

grande significado estético e sensível que merece ser aprofundado no ensino de arte na escola.

Neste trabalho, explana-se sobre o autorretrato ao longo da história da arte, desde as primeiras pinturas de autorretratos às *selfies* realizadas por aparelho móvel, apresenta-se as características e contexto dos adolescentes, relaciona-se as características ressaltadas sobre a produção do autorretrato e a narrativa faixa com a faixa etária dos alunos e, por fim, identifica-se a potencialidade do autorretrato e a narrativa de si na relação ensino aprendizagem em arte.

Fez-se importante nesta pesquisa compreender melhor a história do autorretrato na arte e na sociedade. Para tanto, algumas das bibliografias elencadas para o primeiro capítulo foram: *A história da arte* de GOMBRICH (1999), *História social da arte e da literatura* de HAUSER e CABRAL(1995) e *a Imagens de si: O autorretrato como prática de construção da identidade* de RAUEN e MOMOLI (2015).

Para o segundo capítulo Adolescentes e a construção de sua narrativa, as referências *Adolescentes e adolescências* de SANTOS, NETO e KOLLER (2014) e *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*, de ABERASTURY DE PICHON RIVIERE e KNOBEL (1981) foram utilizadas a fim de relatar sobre as características inerentes ao indivíduo adolescente.

E para o terceiro capítulo, dentre outras bibliografias que fizeram parte, cita-se a *Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte*, de PIMENTEL (2017), *Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: Uma revisão crítica*, de OLIVEIRA (2006) e *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*, de PALFREY e GASSER (2011), relacionando o adolescente, autorretrato e a narrativa. No quarto e último capítulo, conclui-se com base nas bibliografias estudadas.

## 2. BREVE PANORAMA SOBRE O AUTORRETRATO

Observando os registros históricos, a expressão do sentimento humano pela observação do cotidiano, do mundo e de si sempre esteve presente ao longo da existência humana. Ao se expressar, a pessoa expõe algo da sua própria existência, podendo ser o quê concorda ou discorda, mas a partir do momento que ela cria para expressar algo, mesmo que seja aparentemente distanciado do “eu”, o “eu” não se dissocia do fazer e, portanto, do resultado (OLIVEIRA, 2015).

Pode-se considerar a pintura uma das primeiras formas de manifestação da expressividade humana. Das pinturas da pré-história encontradas nas cavernas de Niaux, Font-de-Gaume e Lascaux (França) e de Altamira (Espanha), às pinturas realizadas atualmente, a necessidade de se expressar se mostra inerente ao ser humano.

Muitas técnicas, tecnologias e temáticas enriqueceram a arte da pintura durante séculos e séculos, no entanto, até o século XV observa-se que os temas retratados no que se refere ao retrato, as imagens produzidas eram referentes a imperadores, reis, realezas e personagens ligados à religiosidade. O retrato era uma forma de fixar o personagem histórico no tempo para que não fosse esquecido. Até o século XV nada ou quase nada se fez sobre o próprio “eu” do artista, mesmo que em toda sua obra houvesse elementos que caracterizassem quem as fazia.

Somente a partir do século XV surgem os primeiros autorretratos. Luiz Henrique Vieira (2012, p.52) em sua dissertação, *Identidade e alteridade na construção do autorretrato: quando o 'outro' é convocado a figurar na superfície especular*, assim define o autorretrato:

Um subgênero do retrato – pode ser definido como uma imagem representativa da individualidade de seu autor; assim como o retrato genérico, busca revelar particularidades do retratado, valorizando sua singularidade, em detrimento do típico. No sentido clássico do termo, o retrato, independentemente de refletir características do próprio autor ou de um modelo externo, buscará caracterizar seu objeto de investigação, evocando e ressaltando particularidades do mesmo, de forma a recortá-lo do fundo (contexto). Desta forma, o autorretrato seria uma representação da individualidade do próprio

autor, e, portanto, pressupõe-se que funcione como uma reflexão sobre o universo particular do mesmo (VIEIRA, 2012, p.43)



Figura 2: DÜRER. Autorretrato com peliça. 1500. Óleo sobre madeira, 67 cm × 49 cm. Pinacoteca de Munique<sup>1</sup>.

O autorretrato, portanto, podendo funcionar como uma reflexão do universo particular do artista, dá a possibilidade a ele de expressar suas angustias, anseios, tristezas e alegrias, a partir de uma observação constante de si e para chegar ao resultado satisfatório escolhe o tipo de pincelada, cores, pose e expressões.

Alguns artistas começaram a produzir os autorretratos no período da renascença. Albrecht Dürer (1471-1528), artista alemão, foi um dos primeiros a quebrar com a lógica da tradição, das teorias e regras de representação das temáticas religiosas, monárquicas e da burguesia em crescimento, que se impunha aos artistas da época e se pôs a representar a realidade de seu tempo e de seu país, retratando personagens comuns da sociedade como soldados e camponeses em suas distintas vestimentas, ficando famoso “pelos vários retratos que ele fez dele mesmo, de seu pai e de personalidades da época” (PROENÇA, 1997, p. 94), se tornando objeto artístico. Neste momento da história da arte ocidental, muitos artistas começam então a se autorretratarem, pois havia uma nova consciência do

---

<sup>1</sup>Fonte da imagem: <<https://www.pinakothek.de/kunst/meisterwerk/albrecht-duerer/selbstbildnis-im-pelzrock>>. Acesso: 21 de novembro de 2019.

sujeito artista.

Tudo isso é a expressão de uma inconfundível transferência de atenção das obras para a personalidade do artista. Os homens começam a ter consciência do poder criativo, na acepção moderna, e há sinais crescentes de que se consolida nos artistas o respeito por si mesmos. Possuímos assinaturas de quase todos importantes pintores do *Quattrocentos*, e Filarete expressa, de fato, o desejo de que todos os artistas assinem suas obras. Ainda mais característico, no entanto, do que esse costume, é o fato de que a maioria desses pintores nos legaram também auto-retratos, embora nem sempre sejam quadros autônomos. Os artistas retrataram-se, e por vezes com suas famílias e pessoas presentes ao lado dos fundadores e patrocinadores, da Madonna e seus santos. (HAUSER, 1995, p.335)

O artista, portanto, se via com a possibilidade de criar a partir do que percebia de si mesmo e da sociedade, não se fixando nos temas tradicionais da época, dando-lhe cada vez mais lugar de destaque em suas obras.

Outro artista que produziu inúmeros autorretratos, foi Rembrandt Harmenszoon van Rijn (figura 3), no qual se retratava não somente em poses comuns à época, em algumas obras as poses austeras e de fidalguia não estavam retratadas, como nas obras *Autorretrato com sobancelhas tricotadas* (1630), *Autorretrato com olhos bem abertos* (1630) e *Autorretrato de boca aberta* (1630), com feições que não escondiam a realidade. GOMBRICH (1999, p.420) comenta sobre o autorretrato de Rembrandt van Rijn (figura 4):

Não era belo o rosto e Rembrandt nunca tentou esconder sua fealdade. Observou-se num espelho absolutamente sincero. E por causa dessa sinceridade depressa nos esquecemos as indagações sobre beleza ou finura. Temos diante de nós o rosto de um ser humano real. Não há qualquer sinal de pose, nenhum indício de vaidade, apenas o olhar penetrante de um pintor que examina atentamente as próprias feições, sempre disposto a aprender mais e mais sobre os segredos do rosto humano.



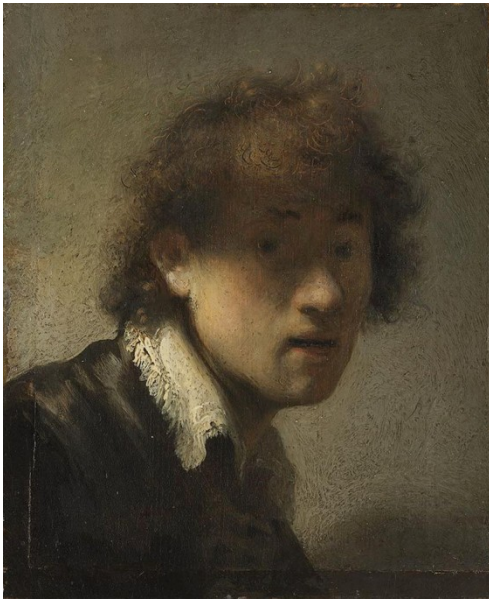


Figura 3. REMBRANDT. Autorretrato jovem. 1629. Óleo sobre madeira, 15,6 cm x 12,7 cm. Pinacoteca de Monique.<sup>2</sup>



Figura 4. REMBRANDT. Autorretrato. 1655-88. Óleo sobre madeira, 49,2 cm x 41 cm. Museu Kunsthistorisches, Viena.<sup>3</sup>

Quando o artista se coloca na obra de forma intencional, o que até então não era praticado, é um momento histórico da criação do sujeito, que começa a pensar o eu em si mesmo e na sociedade, sendo ele autodefinidor. No entanto, Luiz Henrique Vieira (2012, p.52) em sua dissertação, comenta que existem controvérsias entre pensadores sobre a criação do sujeito. Uma corrente defende que desde a antiguidade o homem se entende enquanto indivíduo, a outra, defende que somente na modernidade a individualidade foi internalizada. Mesmo diante dessas questões a possibilidade do autorretrato levou outras formas de expressão do artista, ainda que a intenção não fosse uma autodefinição, mas sim um estudo das linhas, formas e cores.

No final do século XIX a fotografia se instaurou, dando maior liberdade ao pintor, pois não havia mais a obrigação de retratar a realidade, uma vez que a fotografia podia cumprir esse papel. Novas perspectivas se abriram e é nesse contexto que surgem as vanguardas modernas europeias. Os artistas passam a investigar novas possibilidades expressivas e rompem com o academicismo. Assim como em outros gêneros, o autorretrato também refletirá essas transformações. Os artistas pertencentes às vanguardas “desenvolveram deformações e ênfases formais

<sup>2</sup>Fonte da imagem: <<https://www.sammlung.pinakothek.de/en/bookmark/artwork/A0GOMY2Vxd>> Acesso em: 21/11/2019.

<sup>3</sup> Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/r/rembrandt/rembrandt81.html>> Acesso: 21 de novembro de 2019.

que afastavam o autorretrato da realidade física, mas serviam para demonstrar a expressividade e a singularidade do artista, valorizados na arte moderna”(RAUEN, 2015, p.58)

Alguns nomes destacam-se na pintura de autorretrato do final do século XIX e início do século XX. São Vicent Van Gogh, Frida Kahlo e Pablo Picasso.

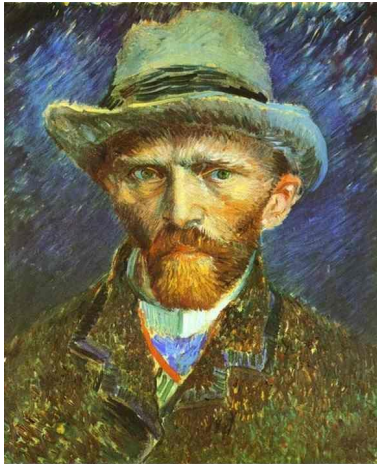


Figura 5. GOGH. V. V. Autorretrato em um chapéu de feltro cinza.1887. Óleo no cartão, 41 cm x 32 cm. Museu Stedelijk.<sup>4</sup>



Figura 6. GOGH. V. V. Autorretrato com chapéu de palha. 1887. Óleo sobre tela no painel, 41 cm x 32 cm. Instituto de Artes de Detroit.<sup>5</sup>

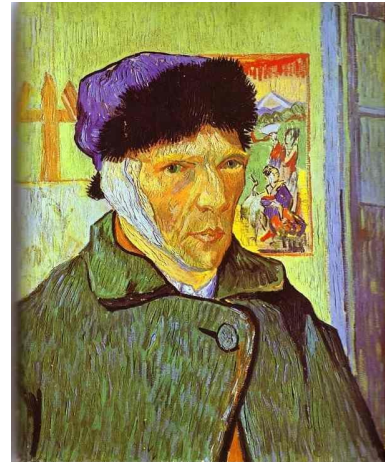


Figura 7. GOGH. V. V. Autorretrato com orelha enfaixada. 1889. Óleo sobre tela, 60 cm x 49 cm. Instituto Courtauld.<sup>6</sup>



Figura 8. KAHLO. F. Autorretrato com vestido de veludo.1926. Óleo sobre tela. 79,7 cm x 58 cm. Coleção Enrique García Formentí.<sup>7</sup>



Figura 9. KAHLO. F. Autorretrato na fronteira entre México e Estados Unidos. 1932. Óleo sobre metal 31.7 cm x 35 cm. Fundación Fana Holtz.<sup>8</sup>



Figura 10. KAHLO. F. Autorretrato con el retrato del Dr. Farill\_ 1951\_Colección Particular\_ Óleo sobre masonita. 41.,8 x 50.2 cm. Coleção privada.<sup>9</sup>

<sup>4</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/v/vangogh/vangogh84.html>> Acesso: 10 de dezembro de 2019.

<sup>5</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/v/vangogh/vangogh1.html>> Acesso: 10 de dezembro de 2019.

<sup>6</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/v/vangogh/vangogh40.html>> Acesso: 10 de dezembro de 2019.





Figura 11. PICASSO, P. Autorretrato no período azul. 1901. Óleo sobre tela, Museu Picasso.<sup>10</sup>

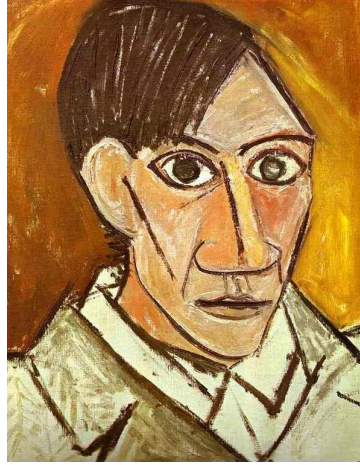


Figura 12. PICASSO, P. Autorretrato. 1907. Óleo sobre tela. 50 cm x 46 cm. Galeria Nacional de Praga.<sup>11</sup>



Figura 13. Pablo Picasso. Autorretrato. 1938. Carvão e lápis sobre tela. 65,7 cm x 50,5 cm. Fuji Television Co.<sup>12</sup>

Nas obras dos três artistas pode-se observar, que pintavam além daquilo que viam. São imagens que extrapolam a representação e apresentam sensações particulares, novas formas de ver e interpretar o mundo com grande liberdade de expressão.

Van Gogh (1853 – 1890) em suas pinturas usava pinceladas expressivas, bastante tinta com cores puras e intensas, não se preocupava com a realidade das formas e podia chegar a distorcê-las, “por sua parte, queria que a sua pintura expressasse o que ele sentia, e, se a distorção o ajudasse a realizar esse objetivo, utilizaria a distorção sem hesitar” (GOMBRICH, 1999, p. 548). Frida Kahlo (1907-1954) artista mexicana, expressou em seus autorretratos sua biografia, faz referências ao seu povo, à política, mas primeiramente a si mesma. “Sua vida – atribulada, dramática, sofrida, apaixonada, intensa – é o tema central, se não o único de sua obra” (MORAIS, 2015, p.17) e:

<sup>7</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/k/kahlo/kahlo9.html>> Acessado em 09 de dezembro de 2019.

<sup>8</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/k/kahlo/kahlo31.html>> Acessado em 09 de dezembro de 2019.

<sup>9</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/k/kahlo/kahlo68.html>> Acessado em 09 de dezembro de 2019.

<sup>10</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/p/picasso/picasso75.html>> Acesso: 09 de dezembro de 2019.

<sup>11</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/p/picasso/picasso186.html>> Acesso: 09 de dezembro de 2019.

<sup>12</sup>Fonte da imagem: <<https://www.freeart.com/gallery/p/picasso/picasso124.html>> Acesso: 09 de dezembro de 2019.

El énfasis central estará en su indagación acerca de la identidad, lo que la llevará a realizar autorretratos, muchos de ellos portentosos y sin lugar a dudas los más vívidos y emblemáticos dentro de la tradición plástica de México. A lo largo de esa no planeada secuencia autorreferencial, pues surgirán con la imprevisible espontaneidad y contundencia de un terremoto, la fuerza expresiva de sus diferentes actitudes y la enigmática belleza de su faz serán la fuerza centrípeta que aspirará a integrar las circunstancias de su corporeidad rota y de su alma lastimada, ambas en persistente convalecencia. (SANDY, p. 4)<sup>13</sup>

A história de Frida Kahlo, contada por ela mesma em uma narrativa pictórica de si, de maneira dramática e forte por meio de toda sua obra, de seus autorretratos, são hoje símbolos de resistência e feminilidade em diversos lugares do mundo.

E Pablo Picasso foi um artista que utilizou de diversos estilos para representá-lo. Observa-se nas figuras 11, 12 e 13 características estéticas peculiares, mas todas representam o artista. “Nenhum método e nenhuma técnica o satisfiziam por muito tempo, às vezes abandonava a pintura, trocando pela cerâmica à mão” (GOMBRICH, 1999, p. 576). Em seus autorretratos criou, formas e cores díspares entre si, levando sensações que variavam conforme a época realizada, representando um momento de sua vida.

Com as facilidades da tecnologia e o início da era da reprodutibilidade, a fotografia se popularizou e chegou a diversas casas e ambientes, tendo glamour e relevância para a concepção da imagem. Durante o século XX alguns artistas se auto retrataram por meio da máquina fotográfica. Esta trazia novas possibilidades de tempo e espaço na produção de uma imagem.

Em meados do século XX, com a fotografia cada vez mais popular, uma artista se fez visível por sua arte de auto retratar-se: Cindy Sherman (1954 - ). Sherman participava da concepção à produção das fotografias. Nos autorretratos, cria diversos personagens, cada qual com suas características peculiares. Para Sérgio Luiz de Oliveira (2015, p. 122):

Talvez seja Cindy Sherman quem melhor revela em sua produção as incertezas e indefinições dos tempos atuais. Ao contrário das verdades perseguidas por artistas de outros tempos em seus autorretratos, somos capazes de atravessar a vasta produção de

---

<sup>13</sup>Disponível em: <<https://www.museofridakahlo.org.mx/es/frida-kahlo/>> Acesso em: 10 de dez. de 2019.

“retratos” de Cindy Sherman sem que alcancemos uma pista sequer de quem, efetivamente, se posiciona diante da câmera na construção de uma “ficção do eu”.



Figura 14. Cindy Sherman Fashion, Untitled #132 – 1984.<sup>14</sup>



Figura 15. Cindy Sherman History Portraits – Untitled #209 – 1989.<sup>15</sup>

No final do século XX, a câmera fotográfica se tornou muito popular e em quase toda casa havia uma para registrar desde momentos da vida cotidiana até grandes eventos. Essas fotografias eram realizadas por câmeras que utilizavam o filme fotográfico fotossensível. Para ver o resultado da fotografia era necessário esperar o filme terminar, enviá-lo para revelação e após alguns dias as fotocópias estavam prontas. A fotografia era, então, vislumbrada, caso o filme não estivesse “queimado”<sup>16</sup>, essas fotografias comumente eram guardadas em álbuns para posterior apreciação. Logo, por mais que houvesse naquela época uma facilidade ao acesso à imagem fotográfica, ela passava por um processo demorado para a visualização final da imagem e possuía um custo financeiro considerável.

<sup>14</sup>Fonte da imagem: <<http://portalcenariocultural.com.br/2018/06/01/cindy-sherman-construcao-de-mulheres-pela-fotografia/>> Acesso: 09 de dezembro de 2019.

<sup>15</sup>Fonte da imagem: <<http://portalcenariocultural.com.br/2018/06/01/cindy-sherman-construcao-de-mulheres-pela-fotografia/>> Acesso: 09 de dezembro de 2019.

<sup>16</sup>Na tecnologia de fotografia analógica, nas câmeras eram utilizadas filmes fotossensíveis onde as fotografias eram “gravadas” por meio da exposição da luz. As fotografias eram reveladas em papel a partir de um processo químico. Algumas fotos não podiam ser reveladas, popularmente chamados de “filme queimado”, devido a exposição excessiva à luz, ou manipulação errada no ato de revelar, entre outros.

No início do século XXI foi a vez dos telefones móveis, que com o passar dos anos foram se aprimorando e recebendo novas funções, como anotações, visualizar e-mails, ver vídeos e imagens e a fotografia, que hoje é uma das principais funções do aparelho celular, chamado de *smartphone*.

A qualidade da câmera fotográfica do *smartphone* é item de escolha para decidir entre um aparelho e outro. A câmera frontal com maior quantidade megapixel terá maiores detalhes, sendo a nitidez preservada mesmo utilizando o *zoom* (aproximação). No *smartphone*, a facilidade de ver a imagem fotografada é ímpar, assim que se realiza a fotografia já se pode vislumbrar o resultado, podendo corrigir aquilo que não ficou de acordo com a vontade do fotografado e/ou fotógrafo. Essas fotografias geralmente são publicadas em redes sociais, não mais revelando-as em papéis fotográficos e ficam expostas por tempos nestas redes, criando uma narrativa online daquele que as expôs.

A tecnologia acessível, a internet e as redes sociais onde as pessoas conversam, interagem e se mostram, possibilitou maior apreciação da autoimagem e exteriorização de uma visão do eu. As “*selfies*” tornaram-se comuns nesses espaços. A *selfie* é uma fotografia, tirada pela própria pessoa de si mesma. Esse tipo de imagem é frequentemente postado em redes sociais, muitas das vezes esperando que haja a aceitação dos seus “amigos”, “seguidores”, por meio de “*likes*”. Esse turbilhão de imagens cria uma nova dinâmica nas relações consigo mesmo e com o mundo:

Enquanto isso, a explosão das imagens no mundo social contemporâneo tem deflagrado novas formas de experiência e de apreensão da vida em sociedade, gerando situações ordinárias que parecem deslocar a experiência do sujeito do centro das práticas da vida vivida em favor de um registro exterior ao sujeito, registro de algo que, embora presente, passou sem ser efetivamente vivido, sem ser efetivamente experimentado. Como o caso do jovem que, ao dar as costas para o papa que passava em visita à sua cidade, se posicionou virtualmente ao lado do papa na imagem capturada pelo dispositivo empunhado à distância do braço. (OLIVEIRA, 2015, p.123)

Esse novo tipo de fotografia muito popular tornou corriqueira a imagem do “eu” na *internet*, principal veículo de comunicação atualmente. Destaca-se os adolescentes como sendo um dos grupos mais adeptos às *selfies*. No entanto, por vezes é de se pensar que essas imagens podem refletir algo muito mais próximo ao



que é aceito por um determinado grupo, do que aquilo que o “eu” expresso na foto seja na realidade, mas que de qualquer maneira há algo deste “eu” expresso em verdade.

Uma artista, atual, que traz em seus trabalhos inúmeras pinturas de autorretrato, a mineira Leonora Weissmann<sup>17</sup> (2015), em uma entrevista, relatou que sempre se pergunta porque é presente a ela a voz e a figura, o rosto, chegando a uma conclusão que talvez seja porque tem uma verdade mais escancarada. Assim, essa verdade vem sendo expressa e fixada, por meio da pintura há mais de 18 anos.



Figura 16. WEISSMANN, L. Autorretrato 11 de dezembro. 2002. Óleo sobre tela. 20 cm x 20 cm<sup>18</sup>.



Figura 17. WEISSMANN, L. Espelho espelho meu. 2010. Acrílica e vinílica sobre tela. 40 cm x 30 cm<sup>19</sup>.



Figura 18. WEISSMANN, L. Autorretrato com Isadora e Índia Tupi. 2014. Acrílica e vinílica sobre tela. 220 cm x 170 cm<sup>20</sup>.

Por meio do desenho, da pintura, da fotografia o autorretrato, está presente nos dias atuais e expressa algo daquele que é retratado. Exposto em diversos ambientes ou mesmo guardado, possui suas peculiaridades e faz um registro narrativo do contexto deste indivíduo, porém, este contexto pode ou não ser refletido pelo sujeito e traz a necessidade de investigá-lo sob a interseção entre adolescência e sua narrativa.

<sup>17</sup> Compacto Leonora. In: Leonora Weissmann. Publicado em 24 de outubro de 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=FoVc6A\\_zYh4](https://www.youtube.com/watch?v=FoVc6A_zYh4)> Acesso: 03 de março de 2020.

<sup>18</sup> Fonte da imagem: <<https://www.leonoraweissmann.org/2002---2006>> Acesso: 03 de março de 2020.

<sup>19</sup> <<https://www.leonoraweissmann.org/adentro-floresta-afora>> Acesso: 03 de março de 2020.

<sup>20</sup> <<https://www.leonoraweissmann.org/autorretratos-no-novo-mundo>> Acesso: 03 de março de 2020.

### 3. ADOLESCÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE SUA NARRATIVA

Falar sobre adolescência sugere que se delimite o termo para a finalidade com que se quer trabalhar, no entanto, as várias qualificações (bio – psico – sócio – cultural) dificultam a escolha de uma só definição. Para essa pesquisa, foram selecionados alguns aspectos que ajudam a refletir acerca das questões levantadas neste estudo.

Por exemplo: quando tenta-se definir somente pelo fator biológico, pode-se considerar que meninas que ovulam aos 9 anos, são adolescentes, enquanto que pelo fator etário seria uma criança. No texto, *Adolescentes e Adolescências*, expõe que:

[...] Tais tentativas de definição apenas estabelecem parâmetros numéricos específicos, afinal o ciclo vital do ser humano está em constante processo de mudança, independentemente da idade que a pessoa tenha. Isso fragiliza o estabelecimento de um limite desenvolvimental por ter como base apenas um parâmetro etário. (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014, p. 17)

Ainda:

A cultura tem aparecido como um “molde” da expressão de uma adolescência naturalizada pela pressão recebida no contexto de desenvolvimento atual ocidentalizado e globalizado. Os adolescentes têm sido cada vez mais definidos por suas características sociais e econômicas e menos por sua aparência ou seu funcionamento físico e hormonal (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014, p. 19).

Além disso, historicamente essa denominação é dada na modernidade, quando o jovem ocidental passa pela puberdade em direção à fase adulta e se depara com diversos problemas dessa demanda, por conta de um despreparo social pré-moderno. É a culminância entre a relação de variação hormonal (biológica) e as (novas) exigências sociais e culturais da civilização ocidental (BOAVENTURA JR., 2015, p. 26, apud RUFFINO, 1999).

A adolescência, época da vida humana em que há grande cobrança e definições, popularmente conhecida como época de crise, dificuldades, sendo até



pejorativamente chamada de “época da *aborrescência*” - o que na verdade nada mais é do que uma fase da vida, com suas crises e aprendizados, com suas glórias e derrotas, com seus questionamentos e posturas que refletem mais no cotidiano - “*é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. Este quadro é frequentemente confundido com crises e estados patológicos*”. (RIVIERE; KNOBEL, 1981, p.13)

Momento de diversos lutos e novidades que podem suscitar mudanças de comportamentos. Os questionamentos sobre a sociedade e sobre si, assim como religiosidades, grupos, pais, condutas e etc. vão se construindo e tornando presentes no cotidiano do indivíduo nesta fase.

Os adolescentes estão em um outro momento, buscam inscrever suas palavras no mundo adulto, porém não conseguem escapar de lidar com os conflitos inerentes ao choque de ideias paternos neles projetados. Mesmo quando tentam seguir moldes fornecidos, estampam ainda mais claramente a frustração de em nada assemelharem-se com o que os adultos neles desenharam, moldaram e investiram. (BOAVENTURA JR., 2015, p.34).

Desta maneira, o diálogo dos adolescentes com os adultos, muitas das vezes, é conturbado devido às diversas projeções criadas por ambos – expectativas frustradas – podendo assim tornar difícil o diálogo real e, conseqüentemente, o crescimento psicossocial do adolescente.

Pode-se dizer que o adolescente procura encontrar em seus pares um reconhecimento de sua personalidade, condição física, escolhas, narrativas; para isso buscam participar de grupos e serem aceitos. Quando Judith Gallatin explica o conceito de identidade no texto “A Teoria da Personalidade de Erikson, afirma que *cada pessoa desenvolve a necessidade de sentir-se 'especial' ou 'única' dentro de seu próprio grupo*” (1978, p. 187), e percebe-se que na adolescência, este aspecto se apresenta de forma frequente e atribulada, tomando grandes proporções.

Ainda sobre as relações sociais do adolescente, Arminda A. P. Riviere e Maurício Knobel (1981, p. 21), escreveram algo que traduz o sentimento de um adolescente de qualquer momento:

[...] O adolescente de hoje, como o de todos os tempos, está farto de conselhos, precisa fazer experiências e comunicá-las, mas não quer, não gosta e nem aceita que suas experiências sejam criticadas, qualificadas, classificadas nem confrontadas com as dos pais. O

adolescente percebe muito bem que quando os pais começam a controlar o tempo e os horários estão controlando algo mais: seu mundo interno, seu crescimento, e seu desprendimento. O jovem sadio de hoje está ciente de muitas das problemáticas do adulto; dir-se-ia que é mais possível que o adulto aprenda do adolescente e não que o adulto possa dar-lhe sua experiência.

Observa-se nessa afirmação que o adolescente demanda o respeito naquilo que ele é enquanto sujeito, nas crenças que tem, em sua autonomia, na capacidade de fazer suas próprias escolhas, pois o *jovem sadio* não desconsidera o mundo em que vive. Ele quer se encontrar – ou se encaixar – fincando suas raízes no mundo.

Nota-se que o adolescente quer suas opiniões e autoimagem respeitadas. Ao mesmo tempo, ser aceito em grupos que possa compartilhar aquilo com que se identifica sem grandes julgamentos. No entanto, para sentir-se pertencente a determinados grupos, formata-se para ser aceito, como é percebido em diversos filmes da temática adolescente, em que faz coisas que não são da sua prática. Um exemplo simples são as roupas que identificam certas práticas e/ou grupos, demonstrando assim um contrassenso de insegurança *versus* convicção.

Aparentemente, uma falsa sensação de liberdade abarca a vida do adolescente, pois, para uma sociedade capitalista-utilitária, o adolescente tem como única responsabilidade, os estudos, que acabam por aprisioná-lo neste papel social. É na escola que ele terá outros contatos com seus semelhantes senão aqueles do seu seio familiar, sendo a escola uma extensão da sociedade, projetando-se nela para refletir fora dos seus muros (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014).

Percebe-se que a relação estudo/ trabalho influencia diretamente na vida e no desenvolvimento do adolescente. Birman (2006, p. 25-43. apud BOAVENTURA JR., 2015, p.29) aponta que a experiência do adolescente é afetada pelas contingências da classe social a que pertence:

Nas famílias de baixa renda a infância acaba precocemente, visto que esses jovens começam a trabalhar para ajudar no sustento da casa, na maioria das vezes abandonando os estudos. Tais adolescentes começam a fase adulta mais cedo, mas ainda não são considerados adultos. Já nas famílias de classe média e alta os estudos são priorizados; a adolescência começa mais cedo e se prolonga por mais tempo.

Pode-se considerar ainda, aspectos importantes desse chamado precoce à responsabilidade de adulto, quando um adolescente realiza atividades que socialmente não seriam as dele, por exemplo: serem os responsáveis pela casa, por seus irmãos mais novos ou por seus pais que podem ter uma doença ou serem alcoólatras, levando esse jovem a uma maturação de certos comportamentos e ser infantilizado em outros.

Inúmeras questões perpassam pela construção do ser adolescente, seu aspecto físico, socioeconômico, familiar, psicológico, cultural, no entanto, outro aspecto é importante ser levado em consideração que é a narrativa desse sujeito. Pois *“O senso de identidade se expressa na forma de histórias – vividas, contadas, recontadas e intersubjetivamente transformadas. Esse caráter ‘historiado’ da identidade permitiria referir-nos a ela como identidade narrativa”* (WINDERSHOVEN, 1994 apud OLIVEIRA, 2006 p. 431) Essa identidade narrativa muitas das vezes é desconsiderada, pois o lugar de fala e recepção crítica do adolescente é subjugado, no entanto, na construção identitária:

[...] Em todos os casos, o sujeito se vê, quando da transição para a adolescência, na necessidade de negociar uma ampla pauta de reconstruções identitárias ditadas, num nível, pelo novo corpo e a nova auto-imagem que ele impõe, mas principalmente pelas mudanças de posicionamento subjetivo no jogo das relações sociais, que a condição adolescente traz. O self adolescente, assim, é o arranjo que se produz na internalização/externalização ativa de experiências capitalizadas em diferentes esferas da vida cultural e se expressa nas práticas narrativas. (OLIVEIRA, 2006 p.432)

Nessa perspectiva a narrativa realizada pelo adolescente, perpassando pela subjetividade individual e social traduzem na construção desse ser. Diante disso, a narrativa de si é fundamental, no desenvolvimento do ser humano, neste caso, do adolescente, pois o considera como ser atuante em sua própria concepção.

Observar essas narrativas em uma sala de aula dos últimos anos do ensino fundamental, com 30 alunos de um mesmo bairro, às vezes da mesma religião, pode não ser muito difícil. Em um debate sobre um tema polêmico, inúmeros posicionamentos acontecerão, o comportamento dos alunos pode ser completamente diferente e nestes lugares eles lidam consigo mesmos e também com suas verdades em relação ao outro reavaliando a si mesmos. A concepção sobre sua própria imagem pode ser reavaliada e ressignificada ocasionando, às

vezes, certos conflitos, como quando se acham feios por serem negros ou brancos, altos ou baixos, gordos ou magros, com cabelos crespos ou lisos e, em contato com outros pontos de vista, como os de seus próprios colegas, a concepção de ideias que se davam como verdades pode ser reestruturada.

Outro ambiente social em que a narrativa dos adolescentes é presentificada a todo o tempo que colabora com a construção identitária – além da sua própria casa e escola – é o ambiente virtual, em que eles vivem diariamente, sendo uma extensão de suas vidas físicas. Nestes lugares esses jovens podem exercer sua/ suas identidades, participar de grupos, de jogos, serem aceitos por meio de *likes*, terem quantitativamente diversos amigos e/ ou seguidores. Neste ambiente:

Os *Nativos Digitais*<sup>21</sup> mudam o tempo todo as informações pessoais que compartilham na *internet*, assim como mudam sua percepção do *self* e a maneira como desejam se mostrar. O que significa ser um jovem que não mudou: o que mudou foi a maneira em que os jovens escolhem se expressar. As várias expressões de identidade *online* não apenas refletem o estado de identidade de um *Nativo Digital* como ele atualmente a percebe, mas também molda essa identidade influenciando a percepção do *Nativo Digital* de como os outros os veem. Nesse sentido, a criação e a revisão da identidade é algo onde ocorre retroalimentação contínua. (PALFREY; GASSER, 2011, p.41)

Diante disso a necessidade do adolescente de se expor e se atualizar é cada vez maior. Ele está inserido em um ambiente dinâmico que, se ele não acompanha, fica de fora, logo, pode trazer a ele certos desconfortos, pois não participaria mais desse grupo *online*.

O adolescente, na construção de sua narrativa, posta exageradamente textos, frases, retratos e autorretratos, o cotidiano e etc. expondo para o mundo quem o é ou quem tenta demonstrar ser. Dentre estas postagens, percebe-se um maior uso das *selfies* no cotidiano, mas que frequentemente não possui reflexão mais aprofundada sobre essa exposição massiva de sua autoimagem, sobre o que ela realmente representa e quais as consequências dessa exposição.

O comportamento e as fotografias/ *selfies* expostos de maneira desenfreada nas redes sociais *online*, por vezes atendendo uma solicitação social, pode ser encarados por algumas pessoas como um comportamento imaturo ou uma

---

<sup>21</sup>Denominação dos autores para todos aqueles que nasceram depois de 1980, inseridos em uma era digital que a internet faz parte do cotidiano do indivíduo.

tendência de “modinha”, mas que deve ser considerada como uma narrativa e que tem muito a dizer sobre o sujeito que se expressa dessa forma.

Estas considerações acima dão elementos para pensar sobre a produção do autorretrato, selfie, e a narrativa de si (do adolescente), que é uma das premissas deste trabalho. Considera-se que os alunos adolescentes dos anos finais do ensino fundamental, no ambiente escolar, podem ter de 13 a 15 anos (ou mais, em alguns casos) e que estão sujeitos às mais diversas e específicas situações socioculturais. Cada um, portanto, descreve a narrativa de si com a sua própria peculiaridade.

#### 4. ADOLESCENTE, AUTORRETRATO E NARRATIVA

Pode-se dizer que na história ocidental nunca houve tantos autorretratos (*selfies*) como atualmente, e mais ainda, que cada pessoa tem mais de um autorretrato. Isso, devido às novas tecnologias que garantem a facilidade da fotografia: diferentes câmeras digitais, *smartphones*, câmeras de notebook e outras. Essas câmeras podem ser levadas para todos os lugares, com fácil acessibilidade para realizar a fotografia e a manipulação da imagem, corrigindo pequenos defeitos ou mesmo criando temáticas por meio de programas de edição de imagens, garantindo, na maioria dos casos, bons resultados.

E o que se faz com tantas fotografias? Muitas são postadas nas redes sociais online, podendo ser: *tinder*, *facebook*, *whatsApp*, *youtube*, *twitter*, *instagram* entre outros. Desconsiderando o *youtube* e o *twitter*, todos os citados são redes em que a fotografia tem lugar de destaque. O *instagram*, por exemplo, tem como princípio o compartilhamento de imagens, fotos e vídeos entre os usuários. As fotografias no *instagram* podem permanecer na rede ou ter a duração *online* de 24 horas, cabendo aos usuários a escolha de quais narrativas eles quererão preservar.

A pessoa, ao realizar a *selfie* digital, diferente do século XX, quando era necessário esperar dias para saber o resultado de uma fotografia, se vê no mesmo instante na tela de seu *smartphone* e/ou de outro aparelho. Por vezes, pode não gostar do resultado e no mesmo momento avaliar, para o caso de não ter sido de seu agrado, apagar e tirar outras. Realizar diversas fotos durante minutos ou mesmo horas, até que o resultado lhe agrade é considerado por algumas pessoas um fato normal. Pois, elas podem escolher o melhor ângulo, se está sorrindo ou não, se está fazendo careta, qual roupa mais lhe favorece, qual iluminação é mais adequada e diversas outras particularidades que elas acreditam ter relevância.

Muitas pessoas criticam o ato das *selfies*. Em algumas charges, por exemplo, colocam como se o sujeito que se fotografa fechasse em si e não mais se percebesse no mundo, como um ser distanciado do social e ligado somente em si mesmo. Na charge de Nani, o sujeito é tão vidrado em si mesmo que tira uma *selfie*

no momento em que se vê refletido no lago, remetendo ao mito Narciso, idiotizando aqueles que tiram essas fotos de maneira excessiva.

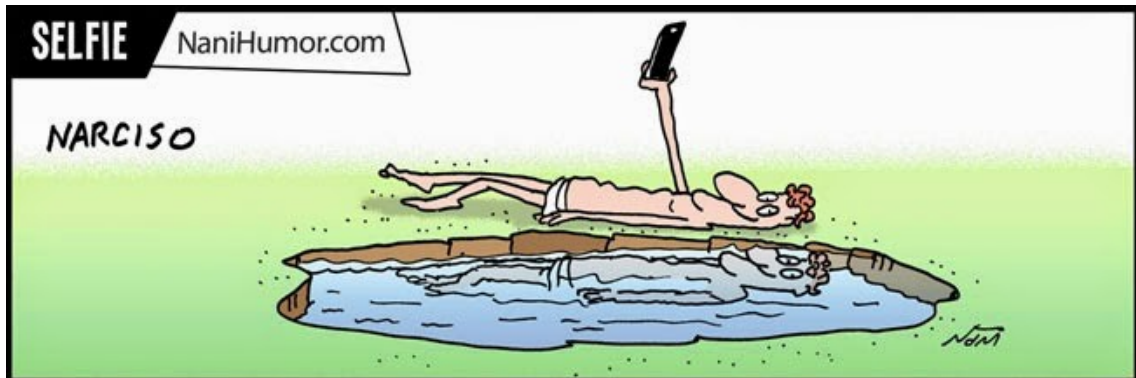


Figura 19: Narciso, charge de Nanahumor Fonte: <<http://www.filosofia.com.br/charge.php?pg=20>>. Acessado em 15 de fev. de 2020.

Essas imagens escolhidas a dedo, porém, constroem uma narrativa pictórica do sujeito, sendo ou não refletida e garantem a existência do fotografado no mundo virtual correlacionando-o com o mundo real. No entanto, como atenta Ana Mae Barbosa (2005, p. 111) “a tecnologia é assimilada pelo indivíduo de modo a reforçar sua autoridade, mas pode também mascarar estratégias de dominação exercidas de fora. O fator diferencial dessas duas hipóteses é a consciência crítica”. Sendo assim, o autorretrato é algo que se deve considerar no processo de ensino aprendizagem dos adolescentes, num processo crítico do uso de sua imagem, das novas tecnologias, pois estão mais que inseridos neste contexto, vivendo-o diariamente de maneira ativa.

Vale fazer o esforço de situar esses jovens: nasceram nessa era da fotografia e da imagem digital, com o possível diálogo com diferentes lugares do planeta Terra por meio da internet, sendo natural a eles toda essa tecnologia. Estão inseridos nesse mundo de imagens digitais e todo tipo de informação em tempo real. Diante disso, observa-se a necessidade de exporem-se nessas redes sociais, pois fazem parte da vida deles, de suas construções de identidades e de inserções em grupos. É na rede social que o adolescente também se coloca no mundo e se relaciona com novos amigos em jogos, *sites* de busca de emprego, podendo criar vários personagens em cada espaço, no entanto, as imagens que são postadas não deixam de narrar quem ele é. Segundo Palfrey, Gasser (2011, p. 30)

Da perspectiva de um Nativo Digital, a identidade não é dividida em identidades *online* e *offline*. Como estas formas de identidade existem simultaneamente e estão intimamente ligadas uma à outra, os Nativos Digitais quase nunca distinguem entre as versões online e offline de si mesmos. Os Nativos Digitais estabelecem e comunicam suas identidades simultaneamente no mundo físico (a adolescente de 16 anos pode ser uma esguia garota irlandesa-americana) e no mundo digital (onde ela pode experimentar a autorrepresentação, às vezes de maneira modesta e às vezes dramaticamente), e suas representações múltiplas informam sua identidade total.

As diversas imagens que os adolescentes criam de si ao se portarem ora na frente dos seus pais, ora dos seus amigos e ora na escola, não desconstrói quem ele é. No entanto, atualmente a exposição é de tal forma, que essas mudanças são mais frequentes e com a publicidade maior pode-se perder o controle daquilo que é demonstrado e interpretado em rede, mas para ele essas imagens são cada vez mais fixas em si mesmo, pois constroem sua identidade total.

Sendo a adolescência uma fase do ser humano em que a autoimagem, o corpo, assim como os ideais são severamente criticados pelo próprio adolescente e seus pares; que mesmo diante dessas questões os adolescentes precisam sentir-se participantes de grupos e, para isso, colocam-se de diferentes formas na vida social virtual ou real, percebe-se que portam-se muitas vezes de maneira a atender o que o grupo quer, não refletindo o que eles próprios querem ou mesmo como eles são.

Nota-se no ambiente escolar, ainda que tenha a proibição por lei do uso do aparelho telefônico, a sua presença massiva e que muitos alunos o utilizam para acessar suas redes sociais e postar *selfies* fotográficas. Fazendo um apanhado dessas fotografias ou mesmo com uma somente, pode-se considerar uma narrativa realizada da vida dessa pessoa, exposta para o mundo e que de alguma forma a representa.

Quando os artistas plásticos mencionados pensavam seus autorretratos e os produziam, o ato de pensar, desenhar, pintar suas feições traziam ao presente o que era realizado. “O processo de biografar-se tem em sua essência a curiosa ação de transformar uma experiência vivida em uma nova experiência: a narrativa oferece a oportunidade de desdobrar o vivido e, ao fazê-lo, torná-lo outro instante de existência” (PALHARES, 2018, p.124). A observação de suas próprias



personalidades, de cada traço, das cores e suas representatividades era necessária para conseguirem expor o que identificavam, de alguma forma, em si mesmos, ainda que, em alguns casos, a proposta fosse a desconstrução. Em suas obras, a narrativa encontra-se presente somente em uma imagem ou considerando-as conjuntamente, como explica Lúcia Pimentel (2017, p. 309):

A narrativa de si não é relato do que se passa com alguém, mas a construção de como o sujeito se percebe e se apresenta; é um processo contínuo que não se fixa em um papel ou em um arquivo digital, não é somente um discurso, mas algo que deixa marcas e memórias em fluxo. Mais que escrever ou gravar palavras e sons, é firmar compromissos de vida consigo mesmo e com quem compartilha sua vida.

Logo, o autorretrato é potencialmente uma construção narrativa em que se pode fomentar por meio de uma prática crítica a compreensão melhor de si e/em relação com o mundo, compreendendo o processo mutável do próprio ser, mesmo que fixando em dado instante uma visão desse sujeito, sugere-se uma reflexão ativa dele mesmo.

Como cenário do senso de si, as narrativas são o contexto do entrecruzamento de temporalidades, permanente tensão entre a ilusão de continuidade e coerência temporal e o tempo vivido, experiencial, cíclico, ilógico: de um lado, a ilusão de continuidade (identidade) preservando a noção de que se é uma mesma pessoa, apesar das profundas mudanças que cada um perpassa no ciclo de desenvolvimento; de outro, a passagem do tempo (desenvolvimento) como a própria condição de inteligibilidade da narrativa.(OLIVEIRA, 2006, p. 431)

Esta concepção dada por Maria Cláudia S. L. de Oliveira, em seu artigo *Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica*, leva a compreender que a narrativa se dá por sua exposição e reflexão, de maneira cíclica, constante.

Em seis anos de docência escolar, pôde ser observado nas atividades nas quais os alunos se autorretratavam por meio do desenho de memória que muitos apresentavam uma certa rejeição com a tarefa. Quando eram utilizadas fotografias deles para a realização da atividade, a vergonha da exposição de suas figuras e escolhas estéticas era presente com frases do tipo: “sou muito feia”, “meu nariz é enorme, é largo”, “que cabelo horroroso”, “sou magrelo demais”, “que roupa é essa?”, sustentando uma dificuldade de lidar com suas autoimagens. Talvez porque

não tivessem olhado suas *selfies* a ponto de refletirem sobre eles e confrontá-los com o real ou; por não fazerem parte de uma concepção massiva de beleza. Refletir sobre o próprio “eu”, suas diversas qualidades e expressá-lo esteticamente não foi tarefa fácil e nem comum a eles.

Devemos lembrar que retratar-se é, inclusive, um modo de reinventar-se. Usando desse tipo de liberdade, Rembrandt produz algumas imagens autorreflexivas, em que ele figura descabelado ou fazendo careta, ou assumindo tipos como o pedinte, o oriental e o apóstolo Paulo, entre outros. (VIEIRA, 2012, p. 49-50)

Para os adolescentes essa exposição pode ser amedrontadora, pois revelará muito dele à vida pública. Talvez, ao expor um autorretrato pintado à mão ou mesmo a *selfie* idealizada de si ou caricata, ou mesmo a tentativa da imagem real, sentem-se ridicularizados, esperando julgamentos pejorativos de seus trabalhos, logo, de si, pois não possuem a liberdade de Rembrandt ou a autonomia de Frida Kahlo, mas se veem, na maioria dos casos, fortemente relacionados aos grupos sociais que os co-definem, apesar da não compreensão de que esta definição está em constante reconstrução.

O adolescente, encontrando um espaço em que se sente seguro a expor seus pensamentos, sua visão de mundo e de si, poderá criar/ desenvolver de maneira livre e autônoma, pois elementos e informações – bagagem – para serem expostos, ditos, não lhes faltam.

O fazer artístico utilizando do autorretrato pode colocar o adolescente/aluno em uma situação de confronto de seus dilemas e de suas limitações a fim de se posicionarem de maneira mais autônoma no mundo, construindo e reconstruindo suas perspectivas de maneira constante. Ana Mae Barbosa (2005, p. 100) ao relatar sobre adolescentes com dificuldades de reformular seu contexto, para melhor atender a seus desejos e necessidades, considera:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano.

A potencialidade da arte pode contribuir para desenvolvimento do adolescente, pois, juntamente ao autorretrato e a narrativa de si, abre campo para o

confrontamento consigo mesmo, para observar-se, interpretar-se, expressar-se esteticamente por meio da sua própria imagem podendo relacioná-la a outras, além da compreensão de sua participação social, gerando autonomia e caminhando para a própria emancipação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa pôde-se perceber a presença massiva do autorretrato no cotidiano das pessoas de hoje, não mais por meio da pintura de si, mas via fotografias digitais, as quais a materialidade física não se faz, estando, na maioria dos casos, expostas em redes sociais *online* ou em *nuvens digitais*<sup>22</sup> e para chegar a esse estágio muitas poses foram realizadas.

O adolescente inserido neste contexto da fotografia (da *selfie*) e vivenciando suas questões, dadas pela idade, como as mudanças no corpo, de paradigmas e a necessidade de sentir-se participante no mundo e, conseqüentemente, criando sua identidade, relaciona-se com sua autoimagem muitas vezes de maneira sofrida, pois está afeiçoado à padrões massivos de perfeição e ao que acredita que esperam dele.

Criar espaços críticos para que o adolescente possa se expressar, livre da depreciação de seus trabalhos e ideias e aberto aos questionamentos de si e do mundo, colocando-o como ser atuante em sua concepção, pode ser um caminho para a autonomia desse sujeito. No ambiente escolar pode-se utilizar as potencialidades do autorretrato e a narrativa de si na relação ensino/aprendizagem de arte do adolescente, a partir do entendimento de que o autorretrato é uma expressão visual em que o retratado necessita lidar com suas características físicas, emocionais, sociais e intelectuais e ao se retratar demonstra uma narrativa vislumbrada pelas escolhas estéticas que são feitas.

Verificou-se nessa pesquisa, que o autorretrato e a narrativa de si podem, juntos, ser um elemento de aprendizagem por meio da apreciação, construção e desconstrução de sua autoimagem, buscando o reconhecimento de si de maneira consciente e crítica, possibilitando um desnudamento do eu e uma estética própria, o que colabora para uma emancipação pessoal, social e artística.

---

<sup>22</sup>Armazenamento de dados *online*, sem que ocupem espaço nos dispositivos físicos.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular<sup>23</sup>, nas competências específicas de linguagem, na qual a arte está inserida, uma das competências é “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais”. Desta maneira, o confronto do adolescente com o mundo e consigo mesmo é algo que pode e deve ser elencado no ensino das artes visuais, de maneira a colaborar com a autonomia dos alunos de se observarem, criticarem e exporem suas questões no mundo de maneira estética.

---

<sup>23</sup>Disponível em:

<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020, p.63-65, 193-211.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY DE PICHON RIVIERE, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981, p.13-23.
- AIDAR, Laura. *Picasso*. In: Toda Matéria: Biografias. 01 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/pablo-picasso/>>. Acesso em: 09 dez. de 2019.
- AUTORRETRATO. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo897/autorretrato>>. Acesso em: 21 nov. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 98-142.
- BOAVENTURA JR., Márcio; PEREIRO, Ricardo Marcelo. “*Lá fora... na rua é diferente!*”: Adolescência, escola e recusa. 1ª ed. Curitiba. Appris. 2015, p.24-57.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 15 fev 2020, p.63-65, 193-211.
- FRANÇA, Júnia Lessa.; VASCONCELLOS, Ana Cristina de.; BORGES, Stella Maris.; MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FREIRE, Raquel. *Cinco pontos sobre câmeras antigas que os mais jovens nem imaginam*. In: Techtudo. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/noticia/2016/01/cinco-pontos-sobre-cameras-antigas-que-os-mais-jovens-nem-imaginam.html>>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- GALLATIN, Judith E.. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo: Ed. Harbra, 1986, p.177-210.
- GOMBRICH, E. H.; CABRAL, Álvaro. *A história da arte*. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1999.
- HAUSER, Arnold; CABRAL, Álvaro. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LAKATOS, E.; MARCONI, M. de A. 2005. *Metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo, Atlas, 225 p.
- MORAIS, Frederico de. Frida Kahlo: Tudo é autorretrato. In: KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: Um autorretrato íntimo/ Frida Kahlo; [tradução de Mário Pontes; introdução de Frederico de Moraes]*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. *Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: Uma revisão crítica*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, mai./ago. 2006.

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. *A imagem é uma coisa que não é a coisa: o artista entre as camadas do espelho*. ARS (São Paulo) vol.13 n°. 26 São Paulo July./Dec. 2015. Disponível em <<http://ref.scielo.org/54gcny>> Acesso em 21 de nov. 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; BERNARDES, Rosvita Kolb. *Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas*. In Pro-Posições, v.26, n.1, p.161-178, jan./abr. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0103-730720150001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-730720150001&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 02 de nov. 2018.

PALFREY, John G; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.11- 50.

PALHARES, Juliana Mendonça. *Por que cantam os passarinhos?* In: Revista Digital do LAV, vol.11, n.2, mai./ago. 2018, p.121-134. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32517/pdf> > Acesso em: 27 set. 2018.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte*. In: GEARTE, v.4, n.2, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/issue/view/3240/showToc> > Acesso em: 10 de out. 2018.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Metodologias do ensino de Artes Visuais*. In Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 25-37.

PROENÇA, Graça. *História da arte*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1997

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno. *Imagens de si: O autorretrato como prática de construção da identidade*. IN: Revista Educação, Artes e Inclusão v. 11, n. 1. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>> Acesso em 21 de nov. 2019.

SANDY, Geraldo Ochoa. Biografia de Frida Kahlo. In: Museu Frida Kahlo. Disponível em: <<https://www.museofridakahlo.org.mx/es/frida-kahlo/>> Acesso em: 10 de dez. de 2019.

SANTOS, E. C.; NETO, H. C. M.; KOLLER, S. H. *Adolescentes e adolescências*. In: HABIGZANG, Luísa F.; DINIZ, Eva & KOLLER, Silvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed. 2014. (p. 17 – 29).

SILVA, Lucélia Gonçalves; LORETTO, Mari Lucie da Silva. *Do retrato e autorretrato às transformações do sujeito*. In: Seminário de História da Arte – Centro de Artes – UFPel.nº.7. 2018. Disponível em: <[HTTP://DX.DOI.ORG/10.15210/SHA.V016.11563](http://DX.DOI.ORG/10.15210/SHA.V016.11563)> Acesso em 21 de nov. 2019 N. 6 (2017): XV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA ARTE. Centro de artes. Universidade federal de Pelotas.

VIEIRA, Luiz Henrique; TÓFANI, Wanda de Paula. *Identidade e alteridade na construção do autorretrato: quando o 'outro' é convocado a figurar na superfície especular*. 2012. 135 f.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, p. 39 – 59.